

O Campônês



Outubro - Novembro de 1949

ORGAO DE UNIDADE DOS CAMPONESES

Ano II nº 19 Preço 5 tostões

MELHOREMOS O NOSSO JORNAL!

O aparecimento de «O CAMPONÊS» impresso representa um esforço e um progresso. Isto só foi possível pelo apoio dos camponeses pobres e remediados ao SEU JORNAL. Sem esse apoio o jornal não teria vida. Mas é preciso que o apoio e auxílio a «O CAMPONÊS» seja ainda maior. É necessário que os camponeses melhorem o SEU JORNAL mandando-nos colaboração e críticas. É preciso também que alarguem a sua Unidade e levem «O CAMPONÊS» a novas localidades e a novas camadas de camponeses pobres e remediados. É preciso finalmente que TODOS os camponeses ajudem o O SEU JORNAL mandando-lhe mais dinheiro para suportar os grandes encargos e passar de 2 para 4 páginas. «O CAMPONÊS» precisa de mais espaço. Até agora temos dedicado a maior parte do jornal à UNIDADE dos camponeses assalariados do Sul. Isto não basta. É necessário alargar a UNIDADE dos camponeses assalariados não só do Sul mas em todo o país. Entretanto, pensamos que isso não é suficiente. Precisamos também de trabalhar pela UNIDADE e pela LUTA dos seareiros, rendeiros, foreiros e pequenos e médios proprietários. Estes também são explorados e oprimidos pelos grandes senhores da terra e pelo governo fascista de Salazar. Precisamos também de popularizar as grandes realizações dos países da Democracia Popular, onde a terra foi distribuída pelos camponeses sem terra ou com pouca terra, isto é, aos que verdadeiramente a trabalham. Precisamos popularizar a protecção que os governos de Democracia Popular dispensam aos camponeses dos seus países concedendo-lhes créditos baratos, sementes, adubos, etc.. Precisamos também tornar conhecida a vida feliz dos camponeses da U.R.S.S. Estas grandes realizações mostrarão aos camponeses de Portugal como um governo verdadeiramente democrático os ajudará a libertar da escravidão e os encaminhará para uma vida mais farta e mais feliz. Estas experiências mostrarão aos camponeses a importância da luta contra o governo

unidade e acção

Aos esforços do salazarismo para impedir um movimento amplo e popular de luta por Eleições Livres, o povo português vem respondendo com a formação de Comissões Eleitorais por todo o país. Agora o salazarismo pretende evitar a actividade dessas Comissões, limitando o prazo da propaganda eleitoral. O ministro do Interior declarou há pouco que o período eleitoral vai ser reduzido ao «mínimo conveniente». Isto significa que o salazarismo, forçado a ir às eleições em consequência do progresso crescente das forças democráticas, pretende efectuar toda a espécie de falcaturas e arbitrariedades para impedir um acto eleitoral sério e honesto.

Um desses processos é minar a Unidade das forças democráticas através de agentes divisionistas no seio da própria Unidade. Mas os divisionistas e oportunistas que querem ir às eleições sem as condições mínimas vão sendo desmascarados e arrastados do movimento democrático, tal como já sucedeu a Lima Alves, António Sérgio, José de Sousa, etc., etc.. Contra estes e outros agentes de divisão devemos nós levar uma luta implacável, desmascarando-os onde que se encontrem. Só assim poderemos fazer face às manobras da salazarismo e dos traidores a causa da Democracia. Só assim poderemos manter a unidade da Unidade entre as forças democráticas e patrióticas.

Para a acção do povo tem de ir mais longe. Tem-se necessário um revigoramento do nome de Unidade Nacional Anti-Fascista, uma intensificação da actividade do MUD na luta por Eleições Livres e que todos os democratas e patriotas saibam man-

ter-se unidos na luta pela Candidatura do senhor General Norton de Matos. Devemos tornar esse movimento mais amplo, formando ainda mais Comissões Eleitorais e tornando-as activas na luta pelas condições mínimas para as Eleições. Ao contrário dos desejos do fascismo, que pretende limitar o tempo de propaganda e actividade das Comissões Eleitorais, estas devem começar a actuar imediatamente. As Comissões Eleitorais devem ser constituídas por portugueses honrados e patriotas, sem preocupações de credos políticos ou religiosos, de posição social ou de sexo, ligadas às massas e apoiando a sua acção nas massas. Comissão Eleitoral formada deve logo começar a actuar na mobilização do povo na luta por ELEIÇÕES LIVRES e por um novo recenseamento, pela liberdade imediata de reunião e de propaganda, pela extinção do Tarrafal da P.I.D.E., pela legalização de todos os partidos políticos, pelo reconhecimento imediato do Candidato da Oposição e pela fiscalização do acto eleitoral. A divulgação de propaganda democrática, a recolha de votos para o Candidato, a recolha de fundos para o movimento eleitoral, são também tarefas das Comissões Eleitorais.

Os camponeses não podem isolar-se deste potente movimento. Ao contrário, devem dar-lhe o seu apoio, fortalecendo a luta de todo o povo contra o salazarismo. É necessário que os camponeses, seja homem ou mulher jovem ou adulto, formem Comissões Eleitorais em todas as localidades e transformem essas Comissões em organismos vivos e legais que lutem pelas condições mínimas sem as quais não poderá haver ELEIÇÕES LIVRES.

fascista de Salazar e pela instauração em Portugal dum governo verdadeiramente Democrático.

Para o cumprimento deste programa é necessário o esforço e a boa vontade dos camponeses pobres e remediados. Só assim poderemos melhorar o NOSSO JORNAL e tornar «O CAMPONÊS» um verdadeiro jornal de unidade camponesa e de luta pela Liberdade e por uma vida melhor.

A PEQUENA E MÉDIA

LAVOURA

é explorada e oprimida

Os seareiros, os rendeiros e os pequenos e médios proprietários vivem abjugados pelos grandes agrários e pelo salazarismo. Cada ano agrícola é para eles uma aventura, uma esperança e um desenganho. Vários destes agricultores contam-nos a sua tragédia. Um pequeno rendeiro do distrito de Setúbal, em 6 geiras de terra semeou 130 quilos de trigo. Rendeu 10 sementes. Pagou todas as despesas à boca da máquina, ganhou no trigo 1800! Um pequeno proprietário semeou 3 sacas de batata. O batatal foi atacado pelo mal e não o tratou bem por falta de meios que lhe foram negados no grémio da Moita. Resultado: Fora o seu trabalho perdeu 90000. Um seareiro conta-nos que fez a sua seara de trigo e foi obrigado a pagar a renda em semente ao agrário que arrecadou para si o subsídio de cultura. Este agrário obrigou também o seareiro a mandar o trigo a

continua na pág. seguinte.

MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

(Da página anterior)

A-pesar do aumento do custo da vida, os grandes agrários fascistas continuam a pagar jornas de fome, obrigando os pequenos e médios proprietários a não pagar mais que o estabelecido pelo maior agrário ou pelo grémio da lavoura. A exploração é desenfreada. Na região de Ermidas, por exemplo, os camponeses estão a ganhar 10\$50 na ceifa do arroz. E nas manhas de névoa em que o arroz não se pode ceifar descontam-lhes 2\$50 o que dizer que há dias que recebem só 7\$50! Por outro lado, os agrários fascistas não abrem trabalhos para arrastarem a jorna. Esta manobra provoca o desemprego em massa havendo milhares de camponeses que estão semanas a fio sem trabalhar. Em todas estas manobras os grandes agrários são auxiliados pelo governo fascista de Salazar.

Mas os camponeses compreenderam que nada de bom se pode esperar dos agrários e do governo fascista de Salazar e vão forjando a sua UNIDADE na luta contra a exploração dos agrários e a tirania do fascismo salazarista. Assim, na luta contra o DESEMPREGO E POR UMA JORNA SUFICIENTE, os camponeses vão forjando a sua UNIDADE.

Em S. CRISTOVÃO os agrários traziam camponeses da Beira a trabalhar e não davam trabalhos da terra. 50 camponeses foram à Praça e como não arranjassem trabalho, dirigiram-se às autoridades locais e exigiram trabalho e jorna suficiente. Perante a UNIDADE e firmeza dos camponeses foram obrigados a distribuir TODOS os camponeses desempregados pelos lavradores. Mas estes queriam pagar jornas baixas. Os camponeses exigiram 30\$00 e conquistaram-nos. Em CHANÇA os camponeses concentraram-se na Casa do Povo e exigiram trabalho. A direcção foi obrigada a dirigir-se à Câmara para que esta abrisse trabalhos. Em MONTEMOR mais de 100 camponeses concentraram-se na Casa Povo para exigir trabalho, o aumento da jorna e a baixa dos géneros. Protestaram também contra a subida do pão. Estavam presentes o administrador e o presidente da Câmara que embora de má vontade tiveram de dar razão aos camponeses. Os camponeses elegeram ali a sua Comissão de Unidade que reuniu imediatamente com as autoridades a quem exigiram a satisfação das suas reivindicações. A Comissão telefonou para o governador civil de Évora que procurou descurar-se, mas os camponeses iniciaram exigindo trabalho assegurado e melhores jornas declarando que não de cansarão enquanto não conquistarem as suas reivindicações. Em CORTE DE GAFO, CORTE DE SINES, e FERNAN-

DES os camponeses elegeram uma Comissão de Unidade que foi ao presidente da Câmara de Mértola exigir a abertura de trabalhos e melhores jornas. As autoridades recusaram-se a atender a Comissão. Dias depois a Comissão voltou mas acompanhada de vários camponeses a apoiar a sua acção. Desta vez já as autoridades receberam a Comissão de UNIDADE e prometeram tratar do problema com rapidez. Em PIAS uma Comissão de Unidade Camponesa foi à Casa do Povo e discutiu com a direcção a forma de resolver a crise e de subir as jornas. A direcção não deu qualquer solução. Noutro dia a Comissão voltou à Casa do Povo acompanhada de 130 camponeses que apoiaram a sua Comissão. A direcção da Casa do Povo prometeu então resolver a questão com as autoridades e agrários do concelho.

CAMPONESES! Deveis continuar a fazer concentrações nas Casas do Povo e exigir trabalho e melhores jornas, mas não vos deixeis enganar pelas direcções fascistas! Se estas fizerem só promessas deveis ir vós mesmo às autoridades e exigir trabalho e boa jorna, não desistindo enquanto não forem satisfeitas as vossas reivindicações. O exemplo de MONTEMOR e de S. CRISTOVÃO deve ser seguido por todos os camponeses e camponesas. Não vos deixeis enganar pelas direcções fascistas das Casas do Povo que como a de Aldeia Nova, para evitar concentrações pôs um edital para a inscrição de desempregados, estando mais de 200 inscritos e que continuam sem trabalho. É justo que os desempregados se inscrevam, mas não devem ficar por aqui. Devem eleger uma Comissão de Unidade que apoiada por todos os camponeses e camponesas acompanhem a direcção da Casa do Povo junto das autoridades e dos agrários para que estes lhes dêem trabalho e uma jorna suficiente.

Mas nem só nas Casas do Povo e junto das autoridades os camponeses lutam e forjam a sua UNIDADE. Fazem-no também junto dos agrários, exigindo melhores jornas e melhores condições de trabalho. É nestas lutas grandes e pequenas que os camponeses se estão unindo para a conquista duma vida melhor e mais feliz. Assim na CUNHEIRA, depois das ceifas o negociante Godinho pretendeu pagar só 15\$00 aproveitando-se da falta de trabalho. Mas os camponeses negaram-se a trabalhar por menos de 18\$00 e conquistaram essa jorna. Ainda na CUNHEIRA o fascista José da Rosa pretendem pagar 18\$00 aos arrancadores da cortiça. Estes abandonaram o trabalho e foram empregar-se noutra apanha por 28\$00

sua debulhadora para receber a maquia. Se o seareiro não o fizesse para o ano não teria terra para seear. Estes casos particulares são o espelho da situação geral das dificuldades da pequena e média lavoura. Os rendeiros pagam rendas exorbitantes e vivem sempre na incerteza de serem postos na rua. Por isso evitam beneficeiros e um bom amanho das terras. Resultado: más colheitas. Os seareiros, explorados pelos agrários, também não tratam bem as terras por falta de meios e porque não a querem deixar adubada para o agrário. A maioria dos pequenos e médios proprietários encontram-se cheios de dívidas e sobrecarregados de impostos e contribuições.

O governo não dispensa qualquer protecção a estes agricultores. Não lhes concede créditos baratos, adubos e sementes seleccionadas, nem os protege dos maus anos agrícolas e dos especuladores. E pois na exploração dos grandes agrários e no desprezo do governo pelos interesses da pequena e média lavoura que está a origem da ruína desta e da escassez da produção.

A pequena e média lavoura precisa de lutar unida contra a exploração dos agrários fascistas e do governo salazarista. Sempre que em qualquer localidade a pequena e média lavoura se veja espoliada pelos agrários fascistas ou pelo salazarismo deve formar a sua Comissão e lutar contra esses roubos e espoliações. Quando em 1945, na localidade de Poiares, Coimbra, as autoridades pretenderam impor um novo imposto suplementar sobre os carros de bois, a pequena média lavoura uniu-se, lutou e obrigou as autoridades a recuar. Ainda há pouco os seareiros de S. Cristovão (Montemor), uniram-se e obrigaram o agrário fascista «Fartas» a entregar-lhes a semente que lhes tinha roubado. Por outro lado, os pequenos e médios agricultores devem juntar-se aos camponeses assalariados na luta pela Democracia. Devem participar com eles nas Comissões Locais de Unidade, nas Comissões do M. U. D. e Eleitorais. As aspirações comuns de cada localidade e a luta pela Democracia são factores mais do que suficientes para que os camponeses assalariados e a pequena e média lavoura marchem UNIDOS na luta por uma vida melhor.

CAMPANHA DOS 5 CONTÓS

para «O CAMPONÊS» impresso

Unidos pela Liberdade 10\$50; Ao camponês impresso 2\$00; Queremos Liberdade 7\$00; Baile dos Unidos 50\$00; Carvalho 4\$50; Fera da Luz 100\$00; Duque (3) 27\$60; Camponês impresso (3) 16\$; Camponês impresso (2) 3\$00; Unidos pela Liberdade 16\$50; Solidariedade camponesa 5\$00; Camponês impresso 10\$00; Camponeses Vermelhos 2\$50. TOTAL 254\$60

Até hoje ainda recebemos só 1.635\$20 para a campanha dos 5 contos de reis. Agora, com a publicação do jornal impresso, aumentam os encargos. É preciso fazermos um esforço maior para atingirmos os 5 contos rapidamente!

CAMPONÊS! Conheces as regalias que as Casas do Povo te prometem mas não dão? Vai à Casa do Povo na tua localidade ou da tua área e reclama os teus direitos! Mas não o faças só. Junta-te aos teus camaradas. Juntos sereis mais fortes.

Nas direcções da maioria das Casas do Povo não estão homens sérios. Estão os lavradores fascistas ou os seus agentes. É isso que explica o desprezo das Casas do Povo pelos interesses dos camponeses. Nas próximas eleições nas Casas do Povo organizai uma lista de homens sérios e da vossa confiança e elegi-a para a Direcção. Só Direcções sérias e honestas defenderão os vossos interesses e obrigarão o fascismo a cumprir as suas promessas.